EUROPA

A Geração Z inicia um fim de semana de manifestações contra a crise social e a alta do custo de vida, em um movimento que varre o continente de Portugal à Alemanha, e pesa nas eleições à vista na Espanha e na França

O protesto volta às ruas

Sacudida há várias semanas por uma onda de insatisfação social contra a alta do custo de vida e os cortes em programas sociais, a Europa viveu ontem mais um dia de protestos em massa, com novas manifestações previstas para hoje e para o fim de semana. Sindicatos, organizações estudantis e ativistas de diferentes movimentos voltam às ruas na França, Alemanha, Bélgica, Espanha e Itália, além de Reino Unido, Portugal e Grécia — no total, mais de 20 países. Na mira, também a escalada nos gastos militares, puxada pelo envolvimento dos governos do continente na guerra da Ucrânia.

Manifestantes exibiram cartazes com o lema "Luta pelo nosso futuro", acenderam sinalizadores e queimaram tanques de papelão. No centro de Madri, centenas de estudantes espanhóis protestaram em defesa da educação pública, contra a privatização das escolas e o aumento do orçamento. O país vai às urnas no domingo, 29 de novembro, em meio a uma crise habitacional que levou o primeiro-ministro, o socialista Pedro Sánchez, a convocar eleições antecipadas depois que a maioria parlamentar de direita e extrema-direita derrubou um decreto que congelava até 2030 o despejo de inquilinos inadimplentes.

Embora motivadas por questões nacionais, as manifestações refletem preocupações comuns em todo o continente, como o aumento do custo de vida, a dificuldade de acesso à moradia, a deterioração da educação e a militarização. Em dezenas de cidades, cartazes denunciavam a elevação dos orçamentos de defesa, como parte de um pacote aprovado no âmbito da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), pacto militar com raízes na Guerra Fria e liderada pelos Estados Unidos, que pressionaram os governos aliados para arcarem com os custos do apoio à Ucrânia contra a invasão russa, que completa cinco anos em fevereiro.

"São reivindicações legítimas", afirmou à agência de notícias France-Presse (AFP) o Nobel de Economia Joseph Stiglitz. Ele alerta que "grande parte da população" europeia não consegue "alcançar o padrão de vida de seus pais" devido ao "crescimento lento e ao aumento da desigualdade". No horizonte imediato, a suspensão da compra de gás da Rússia, substituído pelo dos EUA, fez disparar os custos da energia com o continente às portas do inverno.



AFP

Manifestantes confrontam a polícia em Colônia, na Alemanha: jovens questionam a elevação dos gastos militares no continente

"Contra o sistema"

Os protestos antecedem um ciclo de eleições de importância capital. Depois da Espanha, que vai às urnas dentro de uma semana, França, Itália e Grécia têm eleições previstas ao longo de 2027.

"É um ato realmente importante para fazer ouvir a voz da juventude e expressar a necessidade de uma mudança sistêmica e imediata para o nosso futuro", disse Zennor Tyndale-Biscoe, de 17 anos, que pretendia participar de uma manifestação em Truro, no Reino Unido. Organizações de estudantes secundaristas e universitários de cerca de 20 países convocaram uma greve internacional da juventude, sob o lema "Lutemos pelo nosso futuro, não pelas guerras deles".

Hannes Kramer protestava na Alemanha contra a possível reintrodução do serviço militar obrigatório. "Enquanto quantidades aparentemente ilimitadas de dinheiro são destinadas aos exércitos e à infraestrutura que os sustenta, o Estado de bem-estar social é desmontado", argumentou. Milhares de jovens alemães foram às ruas na capital e em outras grandes cidades, como Frankfurt e Colônia, levando faixas e cartazes que exaltavam o "dia de protestos da Geração Z". A coalizão continental que promoveu as manifestações elegeu como tema central a "transformação radical do sistema em que vivemos".

Nos diferentes países, os manifestantes ecoam a rejeição aos governos europeus, acusado de se concentrarem nas crises geopolíticas e no apoio às grandes empresas, em detrimento do bem-estar das gerações mais jovens. Na Itália, que vem de uma greve geral apoiada pelas principais organizações sindicais, há duas semanas, o alvo central é a primeira-ministra Giorgia Meloni, da extrema-direita.

Prévia eleitoral

Na França, os estudantes secundaristas deram origem ao movimento com a paralisação e o bloqueio dos liceus, que se alastrou pelo país e arrastou a adesão das universidades e dos sindicatos. Hoje, pelo oitavo sábado seguido, manfestantes voltarão às ruas de Paris e de dezenas de cidades para protestar contra a alta do custo de vita e o corte de verbas para os serviços públicos, em especial educação e saúde.

A onda de protestos coincide com o oitavo aniversário do movimento dos coletes amarelos, surgido contra o aumento dos preços dos combustíveis. Os alvos principais são o primeiro-ministro Sébastien Lecornu e o presidente Emmanuel Macron, que encerra em 2027 o segundo mandato. Por ora, as pesquisas de opinião sobre a eleição presidencial, a ser disputada entre abril e maio, apontam para um segundo turno entre Marine Le Pen, da extrema-direita, e Jean-Luc Mélenchon, da esquerda radical.

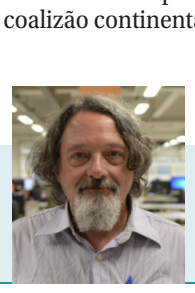
» Salvaguarda para a polícia

O Senado da França ratificou ontem um projeto de lei, aprovado em julho pela Assembleia Nacional, que protege policiais que utilizarem suas armas, em meio a novas denúncias de violência policial durante os protestos estudantis. O governo aliado ao presidente Emmanuel Macron, de centro-direita, e o Reagrupamento Nacional (extrema-direita), partido da candidata presidencial Marine Le Pen, apoiaram a proposta em nome de evitar que os agentes sejam "automaticamente considerados suspeitos" de usar força desproporcional contra manifestantes. A França Insubmissa (esquerda radical) denuncia a medida como equivalente a uma "licença para matar", e promete questionar na Justiça a constitucionalidade do projeto. Na onda de protestos sociais iniciada em outubro, nas escolas secundárias, vários manifestantes foram feridos, e um deles teve uma mão amputada por uma bomba de efeito moral.

É um ato realmente importante para fazer ouvir a voz da juventude e expressar a necessidade de uma mudança sistêmica e imediata para o nosso futuro"

Zennor Tyndale-Biscoe,
estudante britânico de 17 anos

Conexão diplomática



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.BSB@GMAIL.COM

Novo mundo à espera de Lula 4

Enquanto ganha tempo negociando apoios para o ajuste fiscal e estuda a composição do governo para o novo mandato, Lula e seu assessor internacional, o ex-chanceler Celso Amorim, estudam as opções para o Itamaraty em meio a uma conjuntura global que sinaliza novidades de peso para os próximos anos. É como um mundo novo o que espera a posse do presidente para o próximo — e último — mandato. E, pelas reações e expectativas despertadas além-fronteiras pela reeleição — algo inesperada, à luz dos resultados do primeiro turno —, a escolha do nome para chefiar as Relações Exteriores se reveste de outros ingredientes, além da nomeação propriamente dita.

Logo adiante, em janeiro, quando subir a rampa pela quarta vez para receber a faixa, Lula estará, talvez, tão em evidência no cenário global quanto esteve na estreia como presidente, em 2003. A diferença é que estará ele próprio, e a equipe no núcleo do governo, diante de um ambiente global em mutação rápida e profunda. O sinal mais eloquente, em meio a muitos outros, foi a recente cúpula trilateral, inédita, entre o presidente da China, Xi Jinping — como anfitrião, o que acresce significado ao encontro —, e os colegas dos EUA, Donald Trump, e da Rússia, Vladimir Putin.

Um encontro do gênero, trilateral, não tem precedente histórico e sinaliza que uma nova ordem global está em construção. Será dentro dela que o governante brasileiro com maior projeção externa terá de traçar e palmilhar os caminhos para a inserção do país na geopolítica mutante do século 21.

Três vértices

A reunião em Shenzhen, no sul da China, à margem do encontro regional de cooperação asiática, a Apec, pode não formalizar o rearranjo das cadeias internacionais de poder, mas caracteriza uma nova realidade geopolítica. Não por acaso, trata-se de evento inédito: ao longo de quatro décadas de Guerra Fria, na segunda metade do século passado, eram os líderes dos EUA e da hoje extinta União Soviética que se reuniam, periodicamente, para acertar ponteiros — sobretudo, quanto à corrida armamentista nuclear.

Com o colapso da URSS, em 1991, a Rússia de Boris Yelstsin e, agora, Vladimir Putin, assumiu o papel de contraparte. Paralelamente, desde Deng Xiaoping, nos anos 1980, a China passou a ser uma segunda parceira de Washington. A novidade, em Shenzhen, é que passam a ser três as potências à mesma mesa — redonda, no caso, mas com três vértices, no lugar de um "cara a cara" bilateral.

Ordem multipolar

O que se configura, antes mesmo da inédita cúpula na China, é a emergência de uma ordem global multipolar. Seus contornos seguem em esboço, mas alguns traços podem ser identificados. O mais evidente é a ausência de um centro de gravidade claramente situado: as três potências que despontam como referências exibem, até aqui, interesses e objetivos próprios e, por vezes, claramente conflitantes. Seja pela ótica econômica, político-diplomática ou militar, inexiste entre elas alguma que se afirme em vantagem segura.

O resultado é um cenário global instável e mutante, em que os arranjos se fazem segundo conveniências de momento, sem um roteiro definido e aparente. É nesse terreno movediço que o governo Lula 4 terá de manobrar, e a escolha do próximo chanceler deve atender à busca por um nome capaz de transitar entre as múltiplas frentes de disputas e interesses — inclusive, naturalmente, os específicos do Brasil.

Casa e arredores

Pressionado, ainda a pouco mais de um mês da posse, pelas urgências do mercado e de outros agentes econômicos, o presidente reeleito vem de uma turnê exitosa pelo ultramar. Foi recebido com deferências na COP31, na Turquia, e na cúpula da Asean, nas Filipinas. Na Espanha, foi comemorado pela esquerda como emblema, pela virada improvável na disputa pelo Planalto. É assim que Lula tem sido festejado, também, na França, pelos setores políticos que buscam barrar, em 2027, a ascensão da extrema-direita ao Palácio do Eliseu, co Marine Le Pen.

A relação com a Europa, que se vê colocada de lado pela concertação EUA-China-Rússia, se afigura como caminho possível para que o Brasil não se veja, como na Guerra Fria, constrangido por um arranjo geopolítico global do qual resulte algum tipo de redesenho do mapa-múndi em áreas de influência das potências dominantes.

Mais imediata, porém, é a configuração da América Latina como terreno autoconsciente, com objetivos próprios. Esse movimento, como base para a inserção do país na ordem multipolar, exige como ponto de partida a retomada do processo de integração regional ensaiado nos primeiros anos do século.

Em janeiro, quando subir novamente a rampa, Lula terá como parceira provável a presidente do México, Claudia Sheinbaum. Terá de torcer por novos ventos na Argentina, hoje alinhada com a Casa Branca, em termos incondicionais. Javier Milei enfrentará novamente as urnas. E Donald Trump, derrotado na renovação do Congresso, tem prazo de validade até 2028.